

# THE SNAKE PIT / 1948

*(O Fosso das Víboras)*

um filme de Anatole Litvak

**Realização:** Anatole Litvak / **Argumento:** Frank Partos, Millen Brand, segundo o romance de Mary Jane Ward / **Direcção de fotografia:** Leo Tover / **Música:** Alfred Newman / **Montagem:** Dorothy Spencer / **Intérpretes:** Olivia de Havilland (Virginia Cunningham), Mark Stevens (Robert Cunningham), Leo Genn (Dr. Kirk), Celeste Holm (Grace), Glenn Langan (Dr. Terry), Helen Craig (Miss Travis), Leif Ericson (Gordon), Beulah Bondi (Mrs. Greer), Howard Freeman (Dr. Curtis), Natalie Schafer (Mrs Stuart), Ruth Donnelly (Ruth), Katherine Locke (Margaret), Frank Conroy (Dr. Gifford), Minna Gombell (Miss hart), June Storey (Miss Bixby), Lora Lee Mitchell (Virginia, aos 8 anos), Demian O'Flynn (Mr. Stuart), Ann Doran (Valerie), Esther Sommers (Miss Vance), Jacqueline de Wit (Miss Sommerville), Betsy Blair (Hester), Lela Bliss (Miss Greene), Queenie Smith (Lola), Virginia Brissac (Miss Seiffert), Grace Hampton (Condessa), Dorothy Neuman (Champion), Jan Clayton (cantora, internada no asilo), etc.

**Produção:** Anatole Litvak-Robert Bassler, para a 20th Century Fox / **Produtor Executivo:** Darryl Zanuck / **Cópia:** DCP (a partir de suporte original em 35mm), preto e branco, versão original com legendas electrónicas em português, 108 minutos / **Estreia Mundial:** Novembro de 1948 / **Estreia em Portugal:** Tivoli, em 24 de Outubro de 1949.

---

**The Snake Pit** foi na altura um dos grandes êxitos comerciais, devido ao tema: o tratamento psiquiátrico e as suas instituições, que surgia como uma novidade no cinema americano. Não era, bem vistas as coisas, algo de original. Lembremos, por exemplo, no primeiro caso, o famoso **Geheimnisse einer Seele** (Os Mistérios de uma Alma), que Pabst dirigiu em 1926 directamente inspirado nas teses de Freud, que chegou a ser convidado como consultor técnico, tarefa que recusou, ou, para nos ficarmos pelo cinema americano o curioso **The Amazing Dr. Clitterhouse**, de Anatole Litvak (1938), **Blind Alley** (O que um Cérebro Esconde), de Charles Vidor (1939), e no segundo, no que se refere aos estabelecimentos de internamento, ninguém esquece a clínica do Dr. Edwards em **Spellbound**, de Hitchcock. Mas até **Snake Pit**, a instituição servia apenas de campo de fundo e o tratamento era apenas uma parte da intriga, nem sempre a mais importante. A psicanálise estava na moda mas o filme de Litvak iria contribuir para a sua divulgação entre as camadas populares.

Litvak, aliás, parecia a pessoa indicada para a sua adaptação, dadas as características que marcam a sua obra, toda virada para os dramas interiores e as perturbações mentais: o já referido **Clitterhouse**, mas também **The Sisters**, **All This and Heaven Too**, **This Above All**, **Sorry, Wrong Number**, e mesmo, no seu período de decadência, o curioso **The Deep Blue Sea**, e o inenarrável **The Night of the Generals**. À excepção dos dois últimos, os seus filmes citados dividem-se entre o "negro" e o melodrama sombrio, essas histórias sobre perturbações da alma e vidas afectadas por traumatismos. Não espanta, pois, que tenha visto no *best-seller* de Mary Jane Ward, matéria à sua medida, tendo, ainda antes da sua publicação, comprado os direitos de adaptação cinematográfica. Depois foi a via-sacra em busca de um produtor, mas os estúdios fecharam-lhe a porta, "traumatizados" com o tema e os problemas que poderia levantar com o

código de censura (em Inglaterra os censores exigiram que uma legenda inicial referisse que todos os personagens que ali vemos são actores, o que é verdade, e que a situação exposta nada tinha a ver com as instituições psiquiátricas britânicas, o que já é mais contestável). Finalmente Darryl Zanuck aceitou o desafio, abrindo os cordões à bolsa e os estúdios da Fox. O resultado foi o êxito que sabemos e a sua nomeação para os Oscars (entre eles, melhor filme, argumento, realização, música e interpretação para Olivia de Havilland). Não conquistou nenhum mas encheu as bilheteiras.

Hoje em dia podemos ver **The Snake Pit** de uma forma mais fria. Contudo, se as formas de tratamento ali expostas se podem considerar, em grande parte, ultrapassadas pelos progressos da medicina psiquiátrica, a maneira como elas são inseridas na intriga tem ainda uma poderosa força dramática. O seu aspecto didáctico terá envelhecido, mas o dramático mantém uma força inesperada a uma revisão muitas décadas depois de um primeiro contacto.

Toda a história está construída nessa função didáctica para uma vulgarização do tema no seu tempo, mesmo que a sua abordagem se faça num estilo *Reader's Digest*. Tudo o que faz(ia) parte da vulgata freudiana se encontra presente no argumento. Uma jovem escritora, após o casamento, começa a sofrer de perturbações mentais e a ter um comportamento estranho, esquecendo-se das coisas e de si própria, e culminando na afirmação de não ser capaz de amar alguém. O marido leva-a a uma instituição psiquiátrica onde é sujeita a tratamento pelo Dr. Kirk (Leo Genn), imagem paternal que servirá de contraste a outra, mais fria e indiferente, do director da clínica. Situação clássica que opõe a visão gélida da burocracia à da dedicação e espírito de missão. Através de electrochoques e hidroterapia, aplicadas nas fases mais agudas da "doença", em particular a segunda, consequência do choque de Virginia (Olivia de Havilland) com uma enfermeira particularmente ciumenta (o que, por sua vez, já era outro caso de tratamento!), e depois de uma cura aparente, prejudicada pela atitude do director durante o interrogatório, será essencialmente através do diálogo com o médico que ela ultrapassará as suas fobias e compreenderá a sua origem. E aqui encontramos todos os clichés da vulgarização dos temas de Freud, de uma forma algo superficial, e no que têm de mais "excitante" para o espectador-*voyeur*: a fixação edipiana transferida sucessivamente do pai para o noivo e o marido, e a razão dos seus traumas com o último provocados pela morte dos outros dois, que lhe deixou na consciência um sentimento de culpa. E não falta, obviamente, o conceito de "transfert" que o paciente executa com o médico que o trata. O final é sugestivo, quando Virginia afirma que se sente curada, porque "já não está apaixonada por ele (médico)".

Uma história como esta poderia ou cair no ridículo ou na sensaboria. Litvak constrói, porém, o seu filme, de uma forma semelhante a um *thriller*, em que o médico é o detective que persegue o complexo como os outros perseguem os criminosos. E cria um clima de suspense que tem menos a ver com o resultado da investigação do que com a forma como ela é enunciada e apresentada. O interior do asilo é particularmente impressionante com uma atmosfera próxima do expressionismo (outra referência: o início, com Virginia no jardim do asilo que nos remete para o começo de **Das Kabinet des Dr Caligari**), e as imagens dos internados tornaram-se um cliché em filmes futuros (mesmo **Suddenly Last Summer**, de Mankiewicz), *huis clos* infernal que culmina no famoso plano subjectivo do pátio que se transforma numa cova onde os pacientes giram como serpentes (o *snake pit* do título original).

Mesmo ultrapassado (mas estará assim tanto?), **The Snake Pit** mantém ainda hoje uma força dramática insuspeitada. Eis uma (re)descoberta que vale a pena.

Manuel Cintra Ferreira